



Palavra, carne ou osso

Mundo palavreado, de Ricardo Aleixo

Guilherme Trielli Ribeiro*

Diferentemente de outros poetas que se lançaram ao árduo desafio de antologizar a própria obra, Ricardo Aleixo, ao fazê-lo, não suspendeu suas atividades de criador. O que vale dizer: ao conceber *Mundo palavreado* (2013), não fechou para balanço sua poesia. Tanto é assim que 28 dos 53 poemas que integram a coletânea – mais da metade dos textos – eram inéditos em livro, consistindo já em um forte indício de atividade criadora concomitante à de selecionar. Isso se confirma com o fato de que, no mesmo período, o poeta também estava escrevendo *Impossível como nunca ter tido um rosto*, que viria a público em 2015 e esboçava-se desde 2010, mesmo ano de publicação da que, então, era sua mais recente obra, *Modelos vivos*. Logo, se não parou para exclusivamente refletir sobre sua produção anterior, tampouco parou para exclusivamente escrever novos textos. Enfim, a antologia da obra foi feita ao mesmo tempo que a própria obra continuava a ser criada.

Ao atuar simultaneamente como crítico e criador, Aleixo não apenas confirma sua ligação com a linhagem moderna de poetas críticos (Eliot, Pound, concretos, Affonso Ávila, Mário Faustino, Leminski e tantos outros), mas dá a ver como signo a ambivalência de tal modo de atuar, cuja presença talvez já se encontrasse comple-

* Professor visitante na Universidade Estadual do Michigan (EUA).

tamente traduzida naquilo que Antonio Sérgio Bueno, na introdução de *Festim* (1992), definiu como “uma sarabanda de signos”. A chispa contínua entre o crítico e o poeta, entendida como signo de uma radical errância do sujeito, efetivamente possibilitou ao poeta converter o exercício crítico em experimentação poética e vice-versa, o que resultou em um singular contraponto entre publicados e inéditos. Logo, se o volume permite uma visão geral das principais linhas de força da poética aleixiana e de algumas novas incursões estéticas, não é jamais uma coisa ou outra de forma estanque.

Mas, afinal, qual o critério utilizado pelo poeta ao organizar a antologia?

Decerto não foi, tal como não o foi para Drummond, uma escolha pautada pelo valor literário dos poemas. Assim como o poeta de *A rosa do povo*, Ricardo Aleixo não costuma publicar textos inacabados, portanto qualquer poema teria plenas condições de ser incluído na coletânea. Aliás, se tal critério tivesse sido adotado, o poeta provavelmente teria optado por reunir seus livros anteriores, o que o teria dispensado do ato de selecionar, convocando-o para outros procedimentos críticos, tais como a criação de notas explicativas, o levantamento bibliográfico da própria obra e sua fortuna crítica, entre outros, recorrentes no processo de reunião de obras.

Em uma entrevista da série A Nova Literatura Brasileira, do programa *Sempre um Papo*, realizada na ocasião do lançamento de *Mundo palavreado*, em setembro de 2013, Aleixo revela que a coletânea foi pensada em parceria com Francisco Marques Rocha (Chico dos Bonecos) e Luciana Tonelli, da Editora Peirópolis, e tinha na mira o leitor jovem, o neoleitor. Esse critério, no entanto, surge de modo mais enfático nas relações que as imagens de Silvana Beraldo estabelecem com os poemas, procurando sempre lhes recuperar

algun aspecto e, através dessa estratégia, tornar mais direto o caminho de acesso a eles. A ilustradora, nesse sentido, embora dona de um traço experiente e marcadamente pessoal, guiou-se mais pelo critério da faixa etária do suposto leitor da coletânea do que pelos poemas propriamente ditos, antes “mimetizando-os” do que efetivamente dialogando com eles. Estes, ao contrário, não procuraram fazer nenhum tipo de concessão ao leitor jovem, pois, a rigor, nem mesmo se dirigem apenas a ele, mesmo em casos como “Quem faz o quê?”, “A aranha Ariadne” e “Tum tum dum dum”, que originalmente foram compostos para o público infantil. O interlocutor dos poemas de Ricardo Aleixo faz parte de um outro grupo de leitores: trata-se do leitor de poesia, avesso a classificações de ordem prática, determinadas a partir de categorias muito específicas e sempre redutoras, tais como faixa etária, classe social, gênero, raça, nacionalidade etc. *Mundo palavreado* dialoga com esse leitor a seu modo também poeta, convidando-o incessantemente ao multitudinosa território da poesia.

No entanto, o critério de escolha dos poemas, que originalmente tinha o objetivo de dialogar com o leitor jovem – que, como vimos acima, trata-se, antes, do leitor de poesia – encobre um outro critério, que parece ter sido, na verdade, o critério efetivamente adotado como guia, não importando se de modo consciente ou não, ou seja: selecionar, coletar, escolher a partir da *errância*, que consiste no próprio princípio norteador da poesia de Ricardo Aleixo, como ele declara no texto de abertura de *Modelos vivos*: “demorei a identificar, em meio ao grande número de poemas que criei nos últimos anos, quais deles dariam conta de falar da errância que é, desde sempre, a marca principal da minha trajetória como poeta”. A ideia de *errar* pela obra, ir e vir entre livros, o vaivém irrequieto e desabusado do

leitor crítico de si mesmo, seus protocolos de leitura, tudo aponta para uma experiência de escolha que pressupõe, em última instância, uma lógica profundamente poética, cuja não linearidade é fruto de uma pulsão pessoal e imprevisível, provinda de uma perene abertura à experimentação e ao novo da poesia de cada dia.

A errância se configura de muitas maneiras em *Mundo palavreado*. O critério cronológico, por exemplo, aparece no começo da coletânea, mas logo é desconstruído. Tal movimento fica sugerido na sequência dos dois primeiros poemas, “Palavrear” e “Álbum de família”, sendo este o primeiro poema publicado em livro por Aleixo (é o primeiro texto de *Festim*) enquanto aquele é o primeiro poema da seleção. Logo, o mais recente abre caminho para o mais antigo e forma com ele uma espécie de motriz, dança de princípios complementares, yin e yang, um lado feminino, de porta-bandeira (a mãe, as filhas, a dimensão oral da poesia, a arte de jogar palavra no vento), e um lado masculino, de mestre-sala (o pai, o avô, o bisavô, homens ancestrais entre os quais também poderíamos incluir o filho caçula do poeta, que aparece em outros poemas da coletânea, o álbum de família reimaginado a partir da palavra escrita). Esse abre-alas delimita um período de tempo (de 1992 a 2013) mas não impõe uma cronologia, obras literárias em uma sequência linear, antes propondo um tempo além do tempo, ou “um tempo da idade do mundo”, um tempo que vai além dos limites da pessoa, como aliás fica sugerido nos poemas “Da idade do mundo”, “Orí” e “Ancestral em progresso”, entre outros.

O último poema da coletânea, “Lema”, também constitui um exemplo de desconstrução da cronologia, indicando um outro desdobramento da errância: a intersemiose. Com relação à cronologia, o poema aparecera anteriormente em *Modelos vivos* e, portanto, ao

ocupar a posição de último poema da coletânea, acaba por sugerir um ritornelo ao livro imediatamente anterior, criando assim uma sequência que diz respeito à linha do tempo, mesmo que sem perder o senso do errático, uma vez que retoma um ponto do passado conferindo-lhe um sentido novo. Quanto à errância intersemiótica da qual “Lema” também é exemplo, refiro-me ao fato de que em *Modelos vivos* ele fora utilizado como paratexto, ocupando o espaço das orelhas do livro, onde aparece inscrito através do processo de marca-d’água e funcionando, portanto, como um poema verbivoco TATILvisual, diferentemente do modo como surge em *Mundo palavreado*, onde vem impresso na página branca e “perde” a dimensão tátil, como decorrência da bidimensionalidade da página (o verbo *perder* foi colocado entre aspas porque, na verdade, as palavras na página assumem um outro tipo de tatilidade). Embora o poema tenha “perdido” o aspecto tátil, recria-se como visualidade, recuperando algo presente na versão anterior e que nesta de agora desponta de modo mais nítido, ou seja: dispostos em linhas paralelas, os dois versos do poema retomam visualmente, quando os lemos, o símbolo matemático da igualdade, o que cria um contraponto com as palavras, porque os versos são formados a partir das mesmas palavras e de um jogo de inversões sintático-semânticas que nos levam a especular circularmente sobre o sentido de cada um.

A errância intersemiótica também pode ser exemplificada pelos poemas “Boca também toca tambor” e “Solo”. Este último é um poema visual que aparece tanto em *Modelos vivos* quanto em *Mundo palavreado* (sendo constituído apenas pelo verso “boca também toca tambor” e a forma circular de sua disposição na página, construindo tipograficamente ritmos e a imagem de uma boca-tambor); em *Mundo palavreado*, nos deparamos com um longo texto verbal chamado “Boca também toca tambor”, composto a partir de dezoito quadras

e de um refrão, também repetido dezoito vezes e formado por um dístico em que ressoa duas vezes o título do poema.

Outro exemplo de errância entre diferentes sistemas semióticos encontra-se nos poemas que em outros contextos também desempenham o papel de letra de canção ou poesia vocal (se bem que a vocalidade está sempre presente na obra de Ricardo Aleixo). São os casos, por exemplo, de “Orí”, “Canto banto”, “Poética #2”, “Cantiga de caminho”, “Linhas”, “Loa da Dindinha Lua”, “Loa da Travessia da Calunga Grande”, “Amor”, “Tum tum dum dum”, “O que vier eu traço”. Isto para não falar dos poemas declaradamente inspirados em música, tais como “Resfolêgo”, “O Moçambique é meu blues” e “Música”, além dos textos citados acima.

Seria possível, ainda, buscar na coletânea (e dividi-la a partir de) eixos temáticos, como fez Drummond em sua *Antologia poética*. No caso de Ricardo Aleixo, teríamos, por exemplo, a família, a reflexão sobre o eu e a condição humana, a intermídia, as textualidades afrodiaspóricas, a etnopoesia, a história do Brasil, a ética, a estética etc. Tal como o indicou Edimilson de Almeida Pereira na orelha da coletânea, ao afirmar:

“*Mundo palavreado* é um livro especial na bibliografia de Ricardo Aleixo por apresentar-se como a obra de formação de um indivíduo capaz de abordar nos ‘seus’ temas os dilemas de todos nós. O reencontro com a família através da palavra, a descoberta do Menino pai do Homem, a comunhão com os seres perdidos no mundo, a escrita do futuro a partir das heranças ancestrais, o chamado ao jogo visual da linguagem – tudo, enfim, são temas que Aleixo transforma em poesia graças ao elogio do pensamento”.

Porém, o livro não foi organizado assim e, portanto, deixa essa tarefa em aberto, reforçando, coerentemente, a concepção aleixiana de poema enunciada no texto de abertura da coletânea: “uma forma de vida complexa e incompleta, incapaz de existir plenamente sem a participação ativa do olhar, da voz, da inteligência e da sensibilidade de um alguém disposto a lê-lo”. O critério da errância, avesso a decisões rígidas e, em sentido amplo, a qualquer esforço de categorização, veicula, portanto, uma concepção de literatura e um modo de criação poética altamente pessoais, cuja principal força decorre do mergulho no universo ético e estético daquilo que Humberto Maturana e Francisco Varela identificaram como *autopoiesis*, conceito que nos permite vislumbrar a obra de Ricardo Aleixo como fruto de um labor diário, de uma constante busca pelo impossível das linguagens.

Os poemas de *Mundo palavrado* nos conduzem, enfim, a uma singular visão da poética de Ricardo Aleixo, com seus enigmas e suas retextualizações de diferentes situações languageiras, a vocalidade, em largo sentido, de que resultam ritmos, estruturas, timbres, silêncios, planos de dinâmicas, contrapontos, ou, ainda mais amplamente, a poesia feita a partir da poética da performance e todas as possibilidades multimodais que ela abre: a corpografia, os processadores de efeito, a coreografia tipográfica, a arte vestual, o projetor de vídeo, o computador, a boca-tambor etc. Todos os ingredientes desse caldo primordial multissígnico alimentam a discussão *poietica*, fazendo da poesia, modo contínuo, uma demanda ética. Ou, nas palavras de Edmilson de Almeida Pereira: “Em *Mundo palavrado* pode-se dizer que o autor realiza a incessante reinvenção de si mesmo e do seu ofício, fundamento da poesia que a poucos é dado exercitar”. Ou ainda, nas palavras

do próprio Ricardo Aleixo: “É que mundo bom para mim e para estes poemas que não são mais meus do que sou deles, é o mundo que se pode palavrear. Aqui estamos”.